Sobre esta letra, a resposta é direta: "Qual a Patrícia(inha) que nunca se apaixonou por um malandro?"

TUDO O QUE ELA QUER, O PAI DELA DÁ.

Mas com Chorão não foi assim. O pai não pôde dar o que ele quis. E quase nem é preciso perguntar. De cara, ele desaba num monólogo intenso, sem ponto final. Fala alto, gesticula. Transpiração contínua e prolongada. Fala dos 10 anos que morou em Santos e diz que "já foram suficientes para ter o pé no mangue". Conta de seus inúmeros despejos e das não poucas vezes que passou fome. Da mudança do pai para São Paulo, quando teve de se ajeitar numa pensão na bocada. "Nunca imaginei que fosse ficar num lugar daqueles." Barra pesada. Dois irmãos, duas irmãs, pais separados, a mãe com problemas de saúde. "Não sei se isso vale de aprendizado pra alguém, mas no meu caso valeu muito." Dureza.

Mas ele não quer falar disso. Quer falar de som, skate, brodagem. Mundo Livre, Beastie Boys, Chico Science, Rage Against the Machine e mais skate. Quer contar sobre o surgimento do nome, quando atropelou uma barraca de coco chamada "Charlie Brown". Sobre o tempo em que faziam jingles publicitários pra descolar uma grana. "Se você consegue passar uma idéia com um som legal em 30 segundos de comercial, em três minutos de música dá pra fazer miséria", arrepia.

Sem largar a guitarra, Chorão conta que, no começo de 96, os cinco integrantes decidiram que queriam viver da banda e pela banda. Gravaram 35 músicas num porta-estúdio Tascam, de quatro canais, e a demo foi para o amigo Tadeu Patola, do Lagoa. Pouco depois caía nos ouvidos do produtor Rick Bonadio, "dos" Mamonas Assassinas. Em menos de 100 horas de gravação, estava pronto o primeiro CD.

Antes, eles cantavam em inglês e a mudança foi extrema. "A gente já tinha duas demos e aí, um dia, lá em Santos, trombamos o Planet Hemp e eles disseram 'acorda, filho da puta!'.

"Qual a Patricinha que nunca se apaixonou por um malandro?"